



Departamento de Diaconia
Igreja Evangélica de
Confissão Luterana no Brasil



25 de abril de 2004

8º Dia Nacional da Diaconia

Participação:



Fundação Luterana de Diaconia

Pelos Caminhos da Esperança

“Preservando a unidade do Espírito no
vínculo da paz” Efésios 4.3



8º Dia Nacional da Diaconia

No dia 25 de abril de 2004, a IECLB celebra o Dia Nacional da Diaconia. Aprovada pelo Conselho Diretor, a data é festejada anualmente, desde 1997, sempre no Domingo *Misericórdia Domini (A misericórdia do Senhor)*.

A finalidade do Dia Nacional da Diaconia é promover a reflexão sobre a Diaconia como algo que faz parte da essência da Igreja e como resposta de fé ao serviço de Jesus em favor da humanidade.

A cada ano, o Departamento de Diaconia tem elaborado subsídios para a reflexão comunitária e a celebração litúrgica nesta data. Este ano, os estudos apresentam diferentes enfoques sobre a esperança, a partir do tema da IECLB – *Pelos Caminhos da Esperança* –, “preservando a

Departamento de Diaconia da IECLB

Caixa Postal 2876

CEP 90001-970 - Porto Alegre

Fone: 51 3221-3433

www.diaconia.ieclb.org.br

E-mail: diaconia@ieclb.org.br

Revisão e Editoração:

Jornalista Ricardo Fiegenbaum

Verbo PontoCom (51-591-4546)

Apoio:

Fundação Luterana de Diaconia

Cada estudo é acompanhado de uma ilustração. Elas constituem um recurso metodológico para trabalhar o tema e podem ser usadas separadamente ou em conjunto com o texto base.

Neste material do Departamento de Diaconia você vai encontrar os seguintes temas: *Estou com Câncer. E agora?*; *AIDS: Prevenção e Solidariedade*; *Alfabetização: Qual é a nossa Parte?*; *Espiritualidade: Paixão pela Vida*; *Segurança Alimentar - Fome Zero. O que é? e Diaconia como Caminho para a Esperança*

Com o apoio da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), colocamos em suas mãos este material, desejando que ele ajude a proclamar a esperança, preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz.

unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.3).

Com base neste tema, estamos apresentando seis estudos. Eles afirmam a nossa esperança, cuja razão é Cristo, e convocam para que cada pessoa cristã encontre caminhos que levem à superação de crises, dores e sofrimentos pessoais e sociais através de ações diaconais.



Tenho câncer. E agora?

Apenas duas letras – mas elas fazem a diferença. *EU* tenho câncer, não é outra pessoa. A doença do câncer é ainda um diagnóstico que assusta muito a humanidade. Esse é o tema do primeiro estudo que consola e impulsiona para viver com esperança.



AIDS: Prevenção e Solidariedade

A aids nos mostrou que é preciso solidariedade, educação, informação, apoio e principalmente prevenção, pois, para uma doença que ainda não tem cura, o melhor remédio é a prevenção, que se dá através do diálogo, da abertura de portas e espaços para atuação e vivência da solidariedade.



Alfabetização: Qual é a nossa parte?

Num momento em que muitas pessoas estão descrentes do futuro da escola e em conseqüência, olham com desconfiança todas as iniciativas que surgem para mudar o quadro de analfabetismo, é preciso que semeemos a esperança, integrando-nos em movimentos de alfabetização.



Espiritualidade: Paixão pela vida

A espiritualidade é paixão pela vida. Ela é aberta, corajosa, compassiva e se alimenta da oração constante e profunda. Essa espiritualidade nos anima ao seguimento de Jesus vivo. Contra a banalidade da vida ela nos ensina a viver a liberdade em solidariedade com todas as pessoas.



Segurança Alimentar: Fome Zero. O que é?

Fome e desnutrição formam um círculo vicioso que só agravam ainda mais a pobreza. Produzem efeitos irreversíveis, como a dificuldade de assimilação de conhecimento pelas crianças raquíticas e mal alimentadas, quebra de imunidade às doenças, retardamento mental, cegueira e morte precoce.



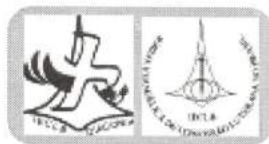
Diaconia como Caminho da Esperança

Quando Verônica veio para nosso grupo de mulheres, ela tinha enorme dificuldade para falar. Mas nesse tempo, em que ela veio ensaiar alguns passos conosco, em que nós pudemos caminhar alguns passos com ela, ela aprendeu a sonhar, a confiar nas pessoas, e a compartilhar.

Tenho câncer. E agora?



Foto de Chris Ocken, Revista The Lutheran, november/2003



Tenho câncer. E agora?

Apenas duas letras - mas elas fazem a diferença. *EU* tenho câncer, não é outra pessoa.

Diagnóstico

Muitas vezes se houve a expressão: "Fulano fala de cadeira", isto é, a pessoa sabe de fato de que se trata.

Assim pode ser a reação quando mais uma, de tantas pessoas, diagnostica em seu corpo a presença de células fracas e confusas que se multiplicam, quando os sistemas naturais de defesa do organismo ficam inativos. A isso se dá o nome de Teoria da Vigilância Imunológica ("método Sinanton").

A doença do câncer é ainda um diagnóstico que assusta muito a humanidade. Ao constatar que temos um câncer em nosso corpo, confrontamo-nos com a realidade de quanto somos mortais. Este pode ser um momento em que as nossas crenças e fé são colocadas em cheque, os nossos valores reexaminados e a nossa vida revista com olhar crítico. É como se um filme relâmpago – para o passado e ao futuro – passasse em nossa mente. A pergunta pelos *porquês*, sem sobra de dúvida, se faz presente.

Os cinco passos observados por Elisabeth Kübb Ross – a negação, a barganha, a raiva, a depressão e a aceitação não aparecem cronologicamente, mas se alternam. Vão e voltam... Aparece, porém, também a **ESPERANÇA**. É um momento de parar na vida. Não parar a vida, pois ela se movimenta, se mobiliza, se desinstala. Podemos nos dar conta

Hildegart Hertel
Diaconisa e Psicóloga
Diretora do Departamento de
Diaconia da IECLB

que a vida pode ser muito bonita. É preciso ajudar o corpo nesta "empregada".

Solidariedade

Neste contexto podemos constatar que não estamos sozinhos ou sozinhas nessa jornada. A medicina, com suas descobertas científicas, é uma grande aliada, bem como complementações alternativas que conhecemos, científica ou empiricamente.

No momento de crise o apoio, a força, a solidariedade são fundamentais.

Não rejeite a intenção das pessoas que desejam estar ao seu lado. Esta intenção é amor mesmo; não se trata de compaixão. Procure não assumir a posição de vítima, nem mesmo colocar "culpa" em seus ombros. Vá à luta, isto é, escute o saber e a experiência dos profissionais de saúde que escolheu. Confiar neles é parte de sua recuperação.

Solidão

Apesar de todo afeto, carinho, amor que nos cercam, também se apresenta a solidão. É um processo natural de nossa situação humana. É preciso olhá-la de frente, pois ela também pode-nos servir de aliada, caso ela nos leve ao silêncio interior. A resposta que podemos obter, quem sabe, poderá ser: ser doente não sig-

nifica valer menos, nem mesmo que fracassamos. A vergonha deve ser substituída pela vontade de viver.

É preciso conversar

A ansiedade é algo natural e comum no início do tratamento. O ritmo cardíaco pode disparar e outros sintomas secundários se manifestam. Conversar com pessoas de confiança a respeito dos sentimentos, é algo deveras importante. Não há necessidade de "sofrer" em silêncio. Procure ir ao encontro de pessoas e busque com elas um "ouvido" atento e sensível. No momento em que nós nos "ouvimos" falar, as nossas dúvidas vão se clareando. A tranquilidade é uma aliada no seu tratamento. Pode igualmente ser benéfico estar em companhia de pessoas que ama. E ficar em silêncio.

Um novo momento

O estado de saúde/doença pelo qual passam as pessoas que diagnosticam um câncer, pode se apresentar de forma diversificada. Há famílias que se aproximam e outras se estranham porque a dor da perda é pesada demais. "Meu marido nunca viu a cicatriz de minha cirurgia", ou: "Meu marido beija a minha cicatriz da cirurgia de mama, pois diz que é ela que me devolveu a vida" (Revista Cláudia, novembro 2003).

Algo indispensável é empenhar-se para viver bem. Participe das coisas que gratificam a sua vida. Jamais se esconda. Não fuja da convivência daquelas pessoas a quem ama.

Viva intensamente a vida.

Técnica

1. Caso recebesse hoje o diagnóstico de câncer, quais seriam os três primeiros passos que daria?
2. Forme pequenos grupos e discuta sobre possíveis fatores que poderão ser uma porta de entrada pra desenvolver um câncer em seu corpo.
3. Dialogue sobre a forma que você gostaria de ser apoiada, pela sua comunidade, em caso de câncer em sua família.

Bibliografia:

Fonte: Revista Cláudia, novembro 2003.
<http://www.hcanc.org.br/ecc.html>
Espiritualidade e Câncer; p. 665.
Comunicados.



AIDS - Prevenção e solidariedade!



Foto de Chris Ocken, Revista The Lutheran, July /2003

Dia Nacional da Diaconia - 25 de abril de 2004



AIDS - Prevenção e solidariedade!

É muito importante que se entenda bem o que quer dizer "AIDS", em inglês, ou "SIDA", em português, ou seja, Síndrome (conjunto de manifestações orgânicas que ocultam sua verdadeira causa) da ImunoDeficiência (deficiência do sistema de defesa do organismo) Adquirida (quer dizer que o vírus não é hereditário, mas é transmitido de uma pessoa para outra). A doença teve seus primeiros casos notificados em meados de 1981, nos Estados Unidos. Naquela época ninguém fazia idéia da epidemia que estava por vir. A doença é causada pelo HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana – descoberto por Luc Montagnier, do Instituto Pasteur de Paris, em 1983. O HIV ataca o sistema de defesa do organismo, deixando-o debilitado e sem forças para combater outros vírus ou bactérias que venham a acometer a pessoa.

Sempre houve, e ainda há, muita especulação em torno de como se contrai o HIV. No entanto, é consenso científico que o vírus é contraído somente por três vias: pelo sêmen e outras secreções dos órgãos sexuais (nas relações vaginais, anais e orais), pelo sangue (através de seringas usadas, materiais perfuro-cortantes, ou transfusão de sangue não-testado)

Marcos Aurélio de Oliveira
estudante de teologia - pastorado
voluntário do ASPA (Apoio, Solidariedade
e Prevenção à Aids).

e da mãe para o bebê (durante a gestação, no parto e através do leite materno).

Nestas duas décadas de epidemia as mudanças ocorridas no país e no mundo foram tantas e tão velozes que os fatos e informações relacionados à doença se misturaram com a economia, a política, os direitos humanos, os esportes, a educação, a sexualidade, as religiões e os demais assuntos do cotidiano de cada um de nós. Não importa se homem, mulher, criança, jovem, idoso, homossexual, heterossexual, branco, negro, amarelo, cada ser humano, vivendo aqui e agora tem, teve ou terá sua vida atravessada por questões relacionadas à aids, pois ela não discrimina, não exclui ninguém. No entanto, a sociedade, como um todo, é causadora de mortais males sociais, como o preconceito e a discriminação.

Jesus não se afastou nem excluiu qualquer pessoa que estivesse enferma. Muito pelo contrário, chegou-se para bem perto delas, ouvindo, tocando, trazendo esperança. Aproximou-se delas e as acolheu.

Colocou-as como principais merecedoras da sua atenção e compaixão (Marcos 2.17) e ficou junto delas. Foi solidário.

A exemplo de sua atuação, muitas conquistas foram alcançadas devido à solidariedade e mobilização incansável de pessoas e grupos, que não se deixaram abater pelas dificuldades de enfrentar uma doença nova, desconhecida e que trazia consigo os estigmas de assuntos pouco ou nada discutidos: morte, sexualidade fora dos padrões, prostituição, família, fidelidade, saúde da mulher, drogas...

Esta doença tão terrível, apesar de tão jovem, nos ensinou e, tem ensinado, tantas coisas a respeito de nosso relacionamento com as outras pessoas. Nunca se teve tanto cuidado com a saúde, sua e da outra pessoa, nunca se teve tanta mobilização e cooperação de pessoas, grupos e empresas, das mais diversas naturezas e objetivos. A aids nos mostrou que é preciso solidariedade, educação, informação, apoio e principalmente prevenção, pois, para uma doença que ainda não tem cura, o melhor remédio é a prevenção, que se dá através do diálogo, da abertura de portas e espaços para atuação e vivência da solidariedade. Assim, quem sabe, estaremos possibilitando caminhos de esperança.

Técnica

Material: Aparelho para tocar CD e CD de música agradável e tranquila.

Procedimento: A coordenação coloca para tocar uma música bem agradável e convida as pessoas participantes do encontro para caminhar. Solicita que, cada vez que a música for interrompida, as pessoas do grupo formem duplas e troquem um abraço bem carinhoso. Isso será feito quatro vezes, formando duplas diferentes.

Após o final da música, a pessoa responsável pela coordenação solicitará que uma pessoa voluntária posicione-se no centro da sala. Logo em seguida pedirá para que as pessoas que trocaram abraço com aquela se juntem a ela e formem um círculo. Assim que o círculo estiver formado pedir para que as que estão de lado observem as que compõem o círculo. Então pedirá àquelas que trocaram abraço com qualquer uma das que compõem o círculo que se juntem ao círculo. Fazem isto até que ninguém esteja de fora do círculo.

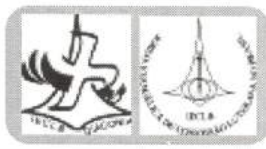
Ainda de mãos dadas tecer alguns comentários a respeito de como estão no momento, ou seja, que todas estão ligadas de alguma forma. Muitos sentimentos e outros comentários podem ser relacionados ou feitos. Uma das relações possíveis é que, assim como elas se relacionaram durante a brincadeira, no nosso dia-a-dia também nos relacionamos com pessoas e elas com outras pessoas. Nessas relações podemos estar passando saúde, carinho, amor, felicidade. Mas, também dor, tristeza, doença. Precisamos cuidar de nossas relações, delas dependem a nossa felicidade e a das pessoas com quem nos relacionamos. Afinal, nossa vida é uma constante troca.



Alfabetização - qual é a nossa parte?



Foto de Calendário do CLAI, 1994



Alfabetização - qual é a nossa parte?

Marguit Goldmeyer
Coordenadora Pedagógica
da Rede Sinodal

No texto *Como comecei a escrever*, Drummond diz: "Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção de um universo de palavras que era preciso conquistar..."

Drummond era motivado pelo colorido das gravuras, e mesmo que ele não tenha dito, sabemos que certamente, a presença do pai leitor e da mãe que o acompanhava na conquista do universo das palavras eram fortes elementos de motivação. O encantamento com o mundo das palavras envolveu sentimentos, emoções e o menino percebeu que estava começando a conquistar o seu espaço no mundo dos alfabetizados: dos escreventes e dos leitores.

Quantas pessoas, hoje, adorariam entender o mistério que as palavras contêm, ou então, gostariam de usar as palavras para compreender melhor o que se passa. Por que tantas pessoas não têm a oportunidade de aprender a ler e a escrever? Por que tantas pessoas aprendem a ler, mas não

lêem? O que afinal significa ler e escrever? Por que tantas pessoas não entendem o que lêem?

O Movimento Nacional de Alfabetização também tem como objetivo aproximar muitas pessoas do fascinante universo das palavras. Aproximar até é fácil, mas o ato de alfabetizar, encaminhando pessoas para tomarem-se leitoras faz parte de um desafio muito maior. Não basta saber desenhar algumas letras, escrever algumas frases sem exercitar todos os dias um pouquinho o ato de ler e escrever. Ler é problematizar, é provocar a reflexão, suscitar hipóteses, enfim, pensar sobre si e sobre o mundo.

Conforme Nietzsche, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Ver o que está ocorrendo ao redor, sentir as necessidades das pessoas, criar um laço de relações que as motive, a quererem decifrar o significado do colorido, do claro e do escuro que acompanha as letras. Ver e ler o mundo é ler os afetos revelados e escondidos, é ler as discriminações, ler as relações humanas, a política e a economia e, sobretudo, é ver onde

pode-se semear a esperança para que ela brote como companheira da liberdade, da solidariedade, da compreensão e da paz.

O poeta Mário Quintana disse que "os piores analfabetos são os que aprenderam a ler, mas não lêem." Essa frase nos leva a pensar sobre a nossa parte neste Movimento Nacional de Alfabetização.

Nós, leitores de livros, do mundo, de emoções e, aparentemente, possuidores do dom da interpretação e da reflexão, o que fazemos para que mais pessoas transitem pelos caminhos da esperança, que podem ser conquistados através da "alfabetização contínua"? O termo pode parecer estranho, mas refiro-me a uma alfabetização que inclui o fortalecimento das relações humanas e que faz parte da educação como um processo social dinâmico.

Num momento em que muitas pessoas estão descrentes do futuro da escola e em consequência, olham com desconfiança todas as iniciativas que surgem para mudar o quadro de analfabetismo, é preciso que semeemos a esperança, que contagiemos as pessoas com a nossa alegria por podermos contribuir no buscar e trilhar de novos caminhos.

Técnica

A) Antes da leitura do texto: Tente recordar como você aprendeu a ler? Quem estava com você? Quando foi? O que ficou marcado na sua lembrança? Ilustre esse momento através de palavras ou então faça um desenho. O mediador da técnica coloca uma música. Todos caminham pela sala com o desenho na mão. Quando a música pára, os participantes mostram e explicam a sua ilustração para a pessoa que está parada em frente, primeiro um fala e aí o outro. A música recomeça... caminham... param... mostram... explicam e assim continua.

B) Depois da leitura do texto:

a) Organizar uma pequena pesquisa para aplicar com as pessoas da comunidade: O que lêem? Quando lêem? Por que...? Refletir sobre o resultado da pesquisa e trazer para a reflexão a frase de Mário Quintana: "Os piores analfabetos são os que aprenderam a ler, mas não lêem".

b) Imagine a seguinte situação: Você, juntamente com seus amigos, foi convidado para desenvolver um projeto para o Movimento Nacional de Alfabetização. Vocês estão empolgadíssimos. Agora é o momento de planejar: Qual será o nome do projeto? Objetivos? Duração? Público-alvo? Como vocês organizarão o projeto, para que com ele as pessoas aprendam a ler e a escrever e que no futuro, façam parte do grupo dos leitores assíduos? Apresentem o projeto para o grande grupo. Se der, escolham um projeto e tentem realmente realizá-lo.

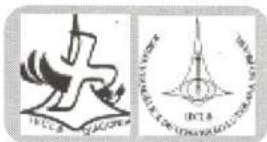
c) O mediador colocará uma série de objetos sobre a mesa (de preferência coisas pequenas) e convidará os participantes a escolherem um objeto que associem à pergunta: Qual é a nossa parte? Como cada um se sente diante do convite de colaborar para um mundo melhor através do processo de alfabetização? Tendo o objeto escolhido em mãos, colocam os sentimentos e os anseios para o grande grupo.



Espiritualidade: paixão pela vida



Foto de Lutheran Book of Worship, publicada na revista Lutheran Forum



Espiritualidade: paixão pela vida

Egon Wutzke
Pastor Mestre

A espiritualidade cristã libertadora e integral é partilha de amizade, de vida, de esperança e de sofrimentos. Ela não se conforma com a injustiça. Sonha e se arrisca pelas transformações urgentes de que carecem as pessoas com deficiência. Ela é ecumênica e abrange o todo, terra e céu. Todas as pessoas encontram nesta espiritualidade guarida, respeito, amor e dignidade. Todas as pessoas recebem dela o Espírito que dá vida plena e intercede por nós (Romanos 8.26)

Não podemos permanecer no nível superficial das coisas. Somos desafiados para a profundidade. E nisso a oração e a contemplação ajudam para que possamos viver espiritualidade cristã em todos os momentos. A espiritualidade nos permite uma experiência de Deus que nos convence do seu amor por nós. Somos amados. Somos gente perdoada. Gente liberta. Gente que é

capaz de perdoar e de amar as pessoas que estão ao redor, mesmo quando elas o ferem e derrubam por não ser perfeito.

Essa espiritualidade nos anima ao seguimento de Jesus vivo. Contra a banalidade da vida, do individualismo doentio de nossos dias, ela nos ensina a viver a liberdade. E por isso temos razões para cantar e dançar diante do Criador, nas ruas e nos templos, nas escolas e nas praças, na terra e nas alturas. E tal experiência é gratuita e amorosa.

Somos livres para servir. Servir para criar espaços e experiências de liberdade e de vida. Servir como marca de comunhão. Servir livre e sem ter idéia utilitarista. Só por amar, por espontaneidade.

A espiritualidade só subsiste quando se alimenta diuturnamente da oração e da contemplação. Da oração contrita e alegre. Em horas boas e ruins. No recesso do quarto ou em meio à multidão nas ruas. No alto da montanha ou no fundo do abismo. Nos templos e nos mosteiros. Na escola, no carro, no ônibus, em meio ao trabalho, na loja, na padaria, ao lado do fogão ou no meio de um banho restaurador. Em todos os lugares podemos orar, clamar, contemplar e exaltar o Criador e Salvador. É que, a partir da novidade do evangelho da água viva, chegou a hora em que os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e verdade.

Foi nossa intenção mostrar aqui que a espiritualidade é paixão pela vida. Ela é aberta, corajosa, compassiva e se alimenta da oração constante e profunda.

Técnica

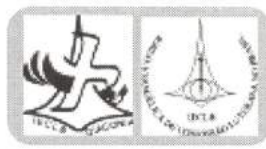
Algumas idéias de técnicas para vivenciar espiritualidade com pessoas com deficiências severas, a partir do Salmo 23 e João 10.1ss. É importante destacar que os textos podem ser repetidos e utilizados em torno de dois anos. Isto para celebrações, estudos, reunião com grupos de apoio, retiros.

- v. 1: **Pastor** – ser apascentado; apascentar; cuidar; ser cuidado. Importante é tocar, rostos, mãos, cabeça...
- v. 2: **Pastos verdejantes** – alimentar; ser alimentado; comer em conjunto, dar na boca (cremes), bolachas, pão...
- v. 3: **Águas de descanso** – refrigerios, acolhimento; tomar água, tocar com toalha molhada, balde com água...
- v. 4: **Tu estás comigo** – colo, toque, a presença de Deus...
Vara e Cajado – apoio, cadeira de rodas, cama, muletas, mãos dadas...
- v. 5: **Mesa** – tempo de comunhão, refeições em conjunto...
Óleo – ungir testas, mãos, pés, peito...
Cálice – copo cheio; copo vazio...
- v. 6: **Casa, lugar seguro, bondade e misericórdia** - criar um ambiente acolhedor, música, flores, lugar confortável para sentar ou deitar...

Segurança alimentar - Fome Zero. O que é?



Foto de Calendário do CLAI, 1994



Segurança alimentar - Fome Zero. O que é?

Silvio Schneider

Pastor e Secretário Executivo da
Fundação Luterana de Diaconia

Fome e desnutrição formam um círculo vicioso que só agravam ainda mais a pobreza. Produzem efeitos irreversíveis, como a dificuldade de assimilação de conhecimento pelas crianças raquíticas e mal alimentadas, quebra de imunidade às doenças, retardamento mental, cegueira e morte precoce. De cada mil crianças nascidas vivas no Brasil, cerca de 32 morrem antes de completarem um ano de vida. São mais de 150 mil crianças por ano. De cada três crianças falecidas, duas morrem em consequência da falta de água adequada, que provoca diarreia e outros males.

No Brasil, são pobres aquelas pessoas que têm uma renda mensal de, no máximo, R\$ 39,11, ou seja, um pouco mais de um real por dia. São 46 milhões de pessoas ou 9,9 milhões de famílias, compostas em média por 4,7 pessoas, que possuem renda mensal inferior a R\$ 183,81.

Há dez anos Betinho de Souza denunciava: "A fome tem que ser erradicada do Brasil a curto prazo. É muito vergonhoso que ainda há gente morrendo de fome!" Betinho

mobilizou muitos setores da sociedade civil e chamou à participação no Programa de Combate à Fome. A mensagem e o programa continuam mesmo depois de sua morte, em 1995. Certamente teríamos números mais alarmantes nesta última década se não tivesse havido uma chamada tão clara e inequívoca como a do Betinho e se a sociedade civil não tivesse se mobilizado.

Em 2003, o governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva lançou o Programa FOME ZERO com o objetivo de tentar garantir a cada brasileiro três refeições diárias.

O Programa FOME ZERO vem sensibilizando e mobilizando muita gente no Brasil e no mundo. Concentrou suas ações em 2003 no Nordeste e no Norte do Brasil. Os recursos canalizados via Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal têm sido usados para promover ações

emergenciais, tais como o cartão alimentar (R\$ 50,00/mês/família), a construção de sisternas na região do semi-árido, e a distribuição de cestas básicas a trabalhadores acampados e assentados, a comunidades remanescentes de quilombos e a comunidades indígenas. Mas ainda há muito por ser feito, e não é tarefa exclusiva do governo e dos seus órgãos executivos. Diz respeito a todos e todas nós.

Não raro, o Programa FOME ZERO tem recebido críticas de diferentes setores da sociedade, taxando-o de paternalista e de não atacar as raízes da fome e da pobreza. Fato é que o desafio da erradicação da fome do Brasil persiste, e nós cristãos não podemos ficar alheios. É assunto de fé, de coerência, de misericórdia e de solidariedade.

Busquem mais informações sobre como participar nos seguintes endereços:

www.presidencia.gov.br/mesa
www.fomezero.gov.br
www.fomezero.org.br

Técnica 1

Material: revistas ou jornais velhos, tesoura, cola, cartolina e Bíblia.

Desenvolvimento:

- 1) A pessoa que coordena a atividade distribui os participantes em grupos de até cinco pessoas. A cada grupo dá uma folha de cartolina, revistas ou jornais velhos, cola e tesoura.
- 2) Formados os grupos, cada qual é orientado para:
 - a) recortar das revistas fotos ou ilustrações relacionadas ao tema alimentação/fome.
 - b) elaborar um painel com estas ilustrações, mostrando como esta relação acontece na localidade.
 - c) relacionar o painel com um tema ou história da Bíblia.
 - d) apresentar as principais conclusões ao plenário.
- 3) A partir da apresentação dos painéis, as pessoas participantes da atividade buscam estabelecer ações viáveis e com as quais possam se comprometer, a fim de, a partir do evangelho, contribuir para transformar a realidade local retratada.

Técnica 2

Formar grupos de até cinco pessoas para refletir sobre a foto no verso desta folha. Relacionar a foto com a história da multiplicação dos pães, em Marcos 6.30-44. O grupo pode refletir sobre a seguinte pergunta orientadora:

– Qual é o milagre que precisamos para acabar com a fome no Brasil (ou na localidade, na cidade)?

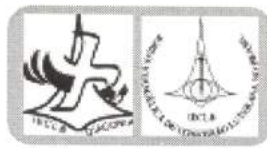
É importante, que ao final do encontro, a coordenação possa ajudar o grupo a concluir, resumindo as principais discussões e conclusões que apareceram na reflexão.

Sugestões de técnicas: Ricardo Fiegenbaum

Diaconia como caminho da esperança



Foto de Laura Matthews, Revista The Lutheran, setembro /2003



Diaconia como caminho da esperança

Ingrit Vogt
Díacona

Às vezes sinto como é duro andar por este mundo, Às vezes sinto como é duro ter que caminhar *

Quando Veronica veio para nosso grupo de mulheres, ela tinha enorme dificuldade para falar. Nós chegamos a pensar que ela tivesse algum problema que a impedisse de articular as palavras. E toda a sua postura era recolhida, encolhida. Ela não levantava a cabeça, e jamais olhava as pessoas nos olhos.

Às vezes me sinto sozinha

Para nossa surpresa, ela voltou na segunda reunião, veio uma terceira vez. No grupo ela tinha a possibilidade de aprender um artesanato. Quando lhe foi oferecido um trabalho de crochê mais rústico, ela o aceitou, e trouxe pronto na semana seguinte. E então decidiu que iria aprender ponto de cruz. Começou a bordar com muita perfeição, e começou a falar. E começou a fazer um curso na Igreja Católica do bairro. E começou a rir!

Antes do Natal, o marido bebeu muito, quebrou tudo, e a expulsou de casa com dois filhos pequenos. Por alguns dias, ela esteve na casa de parentes, em outro bairro. Mas está de volta, morando com os filhos num

porão cedido. A comunidade fez uma campanha para conseguir o essencial. E ela veio para a reunião: de cabeça erguida, usando batom. Os filhos estão na escola, e ela anunciou que está procurando trabalho, mas quer muito conciliar o horário para continuar participando do grupo.

Com o pé nesta estrada longa, sem poder parar...

Nós não sabemos para onde vai o caminho de Veronica; nem ela sabe. Mas, com certeza, ela olha para esse caminho com muito mais esperança do que há seis meses. Nesse tempo, em que ela veio ensaiar alguns passos conosco, em que nós pudemos caminhar alguns passos com ela, ao lado de lutar e buscar a sobrevivência a cada dia, ela aprendeu a sonhar, a confiar nas pessoas, e a compartilhar. A importância deste grupo de mulheres na vida de Verônica nos faz lembrar a canção:

*Muitas pessoas pequenas
Em muitos lugares pequenos
Que dão muitos passos pequenos
Podem mudar a face do mundo.*

A diaconia sempre ocupa aquele lugar que está vazio, ou seja, ela está ao lado daquela pessoa que não tem lugar. E vê esta pessoa como sua irmã, seu irmão, filha e filho amados de Deus.

Não existe uma receita para este "estar ao lado", é preciso entender a necessidade e responder de acordo com suas capacidades. A Bíblia nos ensina que isto é SERVIR. Mas nem todo serviço é DIACONIA.

Servir como Jesus serviu (Marcos 10.45), significa ter o Evangelho como base de sua ação. Amar a partir dos exemplos e ensinamentos de Jesus nos mobiliza a ir ao encontro de pessoas excluídas da possibilidade de ter vida, e vida plena (João 10.10). Ou seja, levar o ser humano a reassumir a sua dignidade diante de Deus, seu Criador. Ao paraplético, Jesus diz: "Levanta-te, toma o teu leito, e vai para casa" (Marcos 2.1ss). O cego de Jericó (Marcos 10.49ss), sai da postura de agachado, joga fora a capa que o caracterizava como inútil e dependente dos outros. Para a mulher que sofria de uma hemorragia ele disse: "Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz".

A diaconia não tem a responsabilidade de fazer tudo, mas tem a possibilidade de colocar um sinal: um sinal que mostra caminhos de esperança!

Técnica

Caso o espaço físico permita, caminhar, cada pessoa movimentado-se no seu ritmo.

Aos poucos, sentir e caminhar no ritmo de outra pessoa.

Depois de alguns minutos, dialogar:

- Como é caminhar sozinha(o)?
- O que muda, na hora de caminhar com alguém?
- Quando você precisou muito que alguém caminhasse ao seu lado?
- Alguém não conseguiu, ou teve grandes dificuldades, para caminhar com outra pessoa?
- Como é o caminhar das duas pessoas: é o caminhar de uma, de outra, ou é um novo jeito de caminhar?
- E quando mais pessoas caminham juntas?

*As frases em negrito são de Rolf Eiras, do CD *Que tempo é esse?*